



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE CIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LUANA VANESSA BARBOSA MARTINS

DIÁRIO DA SEXUALIDADE. SIM, EU FALO SOBRE ISSO!

UM PROJETO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

FORTALEZA

2015

LUANA VANESSA BARBOSA MARTINS

DIÁRIO DA SEXUALIDADE. SIM, EU FALO SOBRE ISSO!

UM PROJETO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof^a. Dr. Raquel Crosara Maia Leite

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

-
- M844d Martins, Luana Vanessa Barbosa.
 Diário da sexualidade. Sim, eu falo sobre isso! Um projeto de educação sexual na escola / Luana
 Vanessa Barbosa Martins. – 2015.
 56 f. : il.
- Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de
 Biologia, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2015.
 Orientação: Profa. Dra. Raquel Crosara Maia Leite.
1. Educação sexual para adolescentes. 2. Orientação sexual. 3. Sexo (Biologia). I. Título.

LUANA VANESSA BARBOSA MARTINS

DIÁRIO DA SEXUALIDADE. SIM, EU FALO SOBRE ISSO!

UM PROJETO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof^a. Dr. Raquel Crosara Maia Leite

Aprovado em 01/07/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. Raquel Crosara Maia Leite (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Christiano Franco Verola

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Maria Izabel Galão

Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus;

À minha família;

E a todos que contribuem para o futuro da
educação.

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre me apoiou, principalmente, à minha mãe que dedicou parte da vida aos meus estudos para que um dia eu chegasse onde estou hoje e, à minha irmã que ajudou para que esse trabalho fosse concluído.

Aos meus amigos Juliana e Italo pela força que sempre me deram para lutar pelos meus sonhos.

Às meninas, Mariana, Aline, Gleicyanne, Marília e Isabelle que fizeram da minha formação algo prazeroso.

Ao núcleo gestor da escola que trabalho que sempre me apoiou na realização do projeto que deu origem a essa monografia.

À minha orientadora e amiga, Raquel Crosara, que acompanhou toda minha vida acadêmica sempre com carinho e atenção, além de todos os demais professores que também contribuíram para minha formação profissional e pessoal na Universidade.

Ao Laboratório de Ensino de Biologia (LEBIO) da Universidade Federal do Ceará (UFC) que foi minha base tanto de pesquisa quanto de luta por meus direitos acadêmicos.

Ao GEPESSEX (Grupo de Estudo, Pesquisa e Ensino de Sexualidade) da UFC que abriu a minha mente para a área de educação sexual a qual tenho tanto prazer em estudar.

Às alunas que participaram do projeto de sexualidade, pois sem elas eu não teria chegado até aqui.

“(…) a paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminuem o compromisso com que denuncio ou anuncio. Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também.” (Paulo Freire)

RESUMO

Em geral, a educação sexual nas escolas do Brasil é bastante deficiente, se restringindo, muitas vezes a aulas de anatomia e fisiologia básica na disciplina de ciências/biologia, pois, geralmente, os professores preferem não entrar em discussões polêmicas que podem causar constrangimento, problemas com a escola e com a família dos alunos. Pensando nos conflitos que rodeiam esse tema, foi realizada uma pesquisa diagnóstica com os alunos da EEFM Dona Maria Menezes de Serpa, situada na cidade de Fortaleza – CE, onde, a partir da análise desta, foi desenvolvido um projeto de educação sexual-intitulado: Diário da Sexualidade. Sim, eu falo sobre isso! Esse projeto contou com a participação de alunas do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, onde foram realizados encontros com temáticas variadas a respeito de sexo, sexualidade e sexualismo. Esse trabalho teve como objetivo relatar e analisar as ações do projeto, conscientizar a respeito de preconceitos sociais, prevenção de gravidez indesejável e doenças sexualmente transmissíveis, e principalmente possibilitar diálogos informativos e leves que, na maioria das vezes, os jovens não possuem nem mesmo com a própria família, sendo até influenciados pela mídia. Os encontros foram bastante satisfatórios, sempre abrindo espaço para o diálogo, dúvidas frequentes, e quebra de tabus. Pelo fato do projeto ter sido exclusivo para meninas houve uma certa liberdade nas discussões em grupo o que foi de grande importância para o seu sucesso.

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Sexo. Sexualismo.

ABSTRACT

In general, sexual education in Brazil's schools is very poor, being restricted, many times in the basic anatomy and physiology classes in the subject of Science / Biology, generally, teachers, prefer not to go into controversial discussions that may cause embarrassment, problems with school and family of the students. Thinking about the conflict surrounding this issue, a diagnostic survey was conducted with the students of the school EEFM Dona Maria Menezes de Serpa, located in the city of Fortaleza Ceará, where, the analysis of this research, we conducted a sexual-education project entitled: Dairy of sexuality. Then, this project involved the participation of students of the 8th grade of elementary school to the 1st year of high school, where meetings were held with several themes about sex, sexuality and sexualism. This paper aimed to describe and analyze the activities of the project, make them aware about social prejudices, prevention of undesirable pregnancy and sexually transmitted diseases, and especially enable them with informative dialogues that most often young people do not have them inside home, even with their own family. Thus, they are being influenced by the media. Finally, the meetings were very satisfactory, due to they always gave the opportunity for dialogues, ask questions about sex and break down prejudices. Once the project was specifically for girls, there was a certain freedom for discussions in group which was of great importance for its success.

Keywords: Sexual education. Sexuality. Sex. Sexualism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Idade das alunas das turmas que participaram do curso de sexualidade 34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Dados da 1ª questão – Você já teve aula sobre sexualidade na sua escola? Se sim, como foi a realização desta	35
Tabela 2 -	Dados da 6ª questão – Onde você costuma obter informações sobre assuntos ligados a sexualidade?	37
Tabela 3 -	Dados da 7ª questão. Marque com um (x) nas opções que na, sua opinião são verdadeiras	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFC	Universidade Federal do Ceará
MMS	Escola Dona Maria Menezes de Serpa
DST's	Doenças sexualmente transmissíveis
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
MEC	Ministério da Educação e da Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivo Geral	14
1.2	Objetivos Específicos	14
2	SEXUALIDADE – ENTENDER PARA NÃO REPRIMIR	15
2.1	Sexualidade, Sexo ou Sexualismo?	16
2.2	Sexualidade – Repressão, Tabus e preconceitos	17
3	EDUCAÇÃO SEXUAL- CONCEITO E IMPORTÂNCIA	18
4	EDUCAÇÃO SEXUAL E SUA HISTÓRIA	20
4.1	PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais	21
5	EDUCAÇÃO SEXUAL – RESPONSABILIDADE DE QUEM?	23
5.1	Papel da Família	23
5.2	Papel da Escola	24
5.2.1	Formação de Professores	25
5.3	Influência da mídia na Educação Sexual de crianças e jovens	26
6	A PESQUISA COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL	27
7	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	29
7.1	Análise geral dos alunos	30
8	EDUCAÇÃO SEXUAL – COLOCANDO EM PRÁTICA	33
8.1	Análise das alunas participantes do projeto	35
8.2	Metodologia e análise dos encontros	40
8.2.1	Primeiro encontro	41
8.2.2	Segundo encontro	42
8.2.3	Terceiro encontro	42
8.2.4	Quarto encontro	43
8.2.5	Quinto encontro	44
8.2.5.1	Avaliação do projeto	44
9	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS	48
	APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO - ALUNOS GERAIS	50
	APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO – ALUNAS DO PROJETO	51

1 INTRODUÇÃO

A Educação Sexual nas escolas costuma ser feita de forma muito superficial, ou até mesmo não é realizada para evitar discussões, constrangimentos e problemas para o professor e para a família. Esse fato se deve a diversos fatores, como a falta de preparo dos educadores, falta de interesse dos familiares, e principalmente por preconceito da sociedade em geral que, muitas vezes, acredita que falar sobre sexualidade seria equivalente a incentivar a sua prática.

Apesar disso, a Educação Sexual é apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um tema transversal, com o nome de Orientação Sexual, devendo então ser trabalhada dentro da escola e dentro de todas as disciplinas. No entanto a responsabilidade fica a cargo de Ciências e Biologia, e quando trabalhada, costuma restringir-se a aspectos anatômicos e fisiológicos, não se detendo a problemas sociais, culturais e a discussões polêmicas.

O tema sexualidade surgiu na minha formação por meio de um grupo organizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), chamado de Grupo de Estudo, Pesquisa e Ensino de Sexualidade (GEPESSEX) no qual alunos do curso de Ciências Biológicas se unem para gerar discussões e possíveis projetos ligados a Educação Sexual. Ao começar a trabalhar em uma escola como professora de Biologia, tive a oportunidade de tratar esse assunto com meus alunos, até mesmo, porque era um dos conteúdos apresentado no livro didático base deles. A partir de debates em sala de aula e da maneira com que as aulas eram conduzidas, os alunos começaram a sentir uma certa liberdade em conversar comigo. Sempre que precisavam tiravam dúvidas ou até pediam conselhos.

Com o passar do tempo e com as discussões realizadas em sala de aula, foram sendo apresentadas as necessidades dos alunos de terem a oportunidade de conversar sobre assuntos ligados a sexualidade, principalmente, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e preconceitos sociais. As dúvidas e as inquietações eram diárias, pois relatavam que não se sentiam à vontade de falar sobre esses temas com a família e nem confiavam em todas as informações que obtinham na mídia, por exemplo.

A partir de todas essas demandas apresentadas, surgiu a necessidade de aprofundar os estudos e realizar um trabalho que atendesse a demanda dos alunos. Para melhor entender os aspectos da educação sexual, aliamos o projeto à realização de uma

pesquisa, no qual foi pensado, exclusivamente, para meninas, a fim de deixar as que, muitas vezes, mais sofrem as consequências de uma sexualidade banalizada, mais à vontade nas discussões.

Para isto estabelecemos como objetivo geral:

1.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo relatar e investigar o projeto de educação sexual realizado em uma escola pública, afim de, auxiliar os jovens a quebrar tabus e combater preconceitos relacionados a sexualidade.

1.2 Objetivos Específicos

- Investigar como ocorre a educação sexual nas escolas;
- Conhecer o perfil e os pensamentos ligados à educação sexual dos alunos;
- Identificar problemas, tabus e preconceitos sexuais apresentados pelos alunos;
- Criar um espaço de discussão, a fim de auxiliar na educação sexual dos alunos, como prevenção de doenças, gravidez indesejável, preconceitos sociais e outros dilemas presentes nesse tema.

2 SEXUALIDADE – ENTENDER PARA NÃO REPRIMIR.

Vivemos em uma sociedade onde a comunicação e a informação anda sendo cada vez mais fácil, porém o real contato entre as pessoas, a interação, e a troca entre elas está cada dia menor. A tecnologia começa a substituir o diálogo, o olho no olho, o afeto. A educação e a discussão entre as pessoas começam a se tornar obsoletas e sem importância, principalmente, entre os jovens, onde a mídia, a internet, e os bate-papos parecem se tornar mais importantes do que a comunicação verdadeira.

Esse, entre outros fatores, contribui para uma educação banalizada, como elas a Educação Sexual, que, além disso, ainda é carregada de preconceitos, tabus e falta de conhecimento, o que pode gerar uma série de consequências na vida dos jovens. A mídia induz a uma sexualidade erótica e irresponsável, o que torna ainda mais indispensável o diálogo com a família e com a escola, pois a omissão apenas contribui para agravar o problema. Pais e professores devem entender que a sexualidade está conosco desde que nascemos, e não falarmos sobre ela, não faz com que ela não exista (BONFIM, 2012).

A educação sexual é bastante ampla em seus conceitos e para desenvolvê-la é necessária uma formação adequada, o que, muitas vezes, não é encontrada, tornando esse assunto alvo de tabus e preconceitos, não sendo assim discutida pelas famílias e nem praticada na maioria das escolas, ou quando sim, é realizada de maneira equivocada.

Assim como alimentação, moradia e saúde, a educação sexual também é de extrema importância para o ser humano, pois uma vida sexual com informação, responsável e de qualidade é prazerosa, libera tensões e proporciona troca afetiva o que ajuda as pessoas se sentirem mais felizes e seguros no dia a dia. Entendemos que a sexualidade perpassa tudo que nos dá prazer e nos motiva a viver; é sinônimo de afetividade que começa necessariamente com o conhecimento de si (BATISTA, 2008).

Sabemos que não é uma tarefa fácil trabalhar a educação sexual, com todos seus problemas envolvidos, e sabemos, também, que não dá para fazê-la de um dia para o outro ou sozinhos. Mas se todos entendermos a sua importância e começarmos a trabalhá-la dentro das nossas famílias e das escolas, aos poucos tornaremos esse assunto algo comum de ser discutido e compreendido, contribuindo assim com quebras de preconceitos e com a diminuição de problemas ligados a esse tema. Assim,

Essa estrada terá muitos obstáculos, mas estes serão transpostos sempre que houver no caminhar um compromisso para com a própria evolução e a de seus companheiros de caminhada. (BATISTA, 2008)

Para discutir a temática é importante esclarecer alguns conceitos, o que será feito no próximo tópico.

2.1 Sexualidade, Sexo ou Sexualismo?

A educação sexual é recheada de conceitos que são fundamentais para seu entendimento. Sexualidade é a mesma coisa de sexo? É a mesma coisa de sexualismo? Na verdade, a educação sexual fala sobre o quê?

Muller (2013) faz uma análise sobre a diferença entre Sexualidade e Sexo. Segundo a autora, quando falamos em sexualidade estamos nos referindo ao jeito de ser do homem e da mulher, ao modo com que as pessoas se relacionam, composto por seus valores e emoções. Sexualidade vai além do ato sexual. Já sexo é o contato físico ou virtual, composto por toda prática que desperte o desejo, o orgasmo e o prazer. É uma prática estimulada pelos sentidos, e que não precisa de penetração para ser considerado sexo. Além disso, sexo também é uma palavra utilizada para distinguir homem e mulher, masculino e feminino, e aqui se fala biologicamente, pois já quando falamos na identidade do ser, na maneira com que ele se sente nos referimos ao gênero.

Nunes (1996) fala que a sexualidade é um conceito cultural constituído pela qualidade e pela significação do sexo. Sendo assim, somente o ser humano possui sexualidade, pois ela é uma construção social, que envolve questões religiosas, valores éticos e estéticos. Já Foucault (1997) afirma que a sexualidade é um dispositivo histórico e social que a reprime, controla e limita nosso olhar e nossa prática ligada ao sexo.

Diferente de sexualidade e sexo, temos o sexualismo que, segundo Moraes (1998), é o estado do ser provido de sexo. É como o indivíduo se sente em relação a sua sexualidade, a qual às vezes não corresponde ao seu sexo biológico.

A sexualidade pode também ser definida como a necessidade que todo ser humano tem de buscar sensações, bem-estar, prazer, afeto, contato e carinho, e pode se manifestar de diferentes maneiras: bem-estar, alegria, estímulo, desejos, fantasias, curiosidade do outro, relacionamentos de amizade, amor, afeto, carinho, contato físico, sexo, sensibilidade, prazer, entre outras (BONFIM, 2012).

Com base nessas conceituações, poderíamos dizer que muitas vezes a escola fala de “sexo” apenas na perspectiva biológica (aspectos morfo-fisiológicos) e não da sexualidade com toda sua abrangência social e afetiva. Pressupõe-se que a sexualidade na escola é discutida de forma naturalista, positivista que defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, em que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos, o que é distante de todos os seus problemas e com a compreensão de mundo que essa educação necessita, onde as informações passadas não são suficientes aos anseios dos nossos jovens (BONFIM, 2012).

2.2 Sexualidade – Repressão, Tabus e preconceitos.

A sexualidade é um tema, que mesmo nos dias de hoje, em que a liberdade parece ser tão natural, é rodeada de preconceitos, tabus e extremamente reprimida pela sociedade. Como veremos nos próximos tópicos esse fato se deve a vários fatores históricos, sociais e educacionais.

A forma com que tratamos a sexualidade pode contribuir com a repressão ou até mesmo para consolidar uma visão mercantilista da sexualidade. Devemos buscar analisar a sexualidade de maneira crítica com um olhar que nos liberte de visões midiáticas, sociais e culturais que a reprimem e que nos impeça de viver plenamente esse aspecto fundamental de nossas vidas (BONFIM, 2012).

A repressão sexual pode ser considerada um conjunto de proibições, regras, normas, valores sociais e interdições, onde o sexo é encarado como algo sujo, fruto do pecado e cheio de perigos.

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui um ar de transgressão deliberada (FOUCAULT, 2005).

As representações do papel da mulher e do homem na sociedade onde cada um tem suas funções estabelece uma série de preconceitos e desigualdades que precisam urgentemente ser superados. Esse fato gera a necessidade de que as pessoas possam entender-se como sujeito da sua história e da sua sexualidade, ainda que exista uma relação entre o seu corpo e o do outro, o que o faz protagonista da sua alma e do seu papel social. Devemos entender a sexualidade como uma relação humana e não como um mero aspecto biológico e

reducionista ao sexo. Precisamos reconhecer que toda relação envolve nossa sexualidade, o que não significa o ato sexual em si, mas qualquer relação afetiva e atitudinal. Se a sexualidade fosse vivida de maneira natural, certamente o homem seria mais feliz e consciente de suas responsabilidades éticas e afetivas (BONFIM, 2012).

Essa repressão sexual é ainda mais clara quando falamos da mulher que, por muitos anos, não tinha o direito de sentir prazer, possuindo um papel, meramente, reprodutivo. Uma das razões disso é de o sexo ser considerado algo reduzido a genitálias e a procriação. Infelizmente, ainda hoje podemos ver atitudes preconceituosas com mulheres que possuem a vida sexual bem resolvida, sendo, por muitas vezes, marginalizadas em uma sociedade machista e repleta de regras e julgamentos (MULLER, 2013).

3 EDUCAÇÃO SEXUAL- CONCEITO E IMPORTÂNCIA.

A família, a escola, a igreja, os amigos, a mídia, os livros, todos esses grupos sociais possuem papel importante na educação sexual das crianças e dos jovens e atuam de maneira decisiva nas suas formações. É a partir dessa educação que as crianças aprenderão a amar, a adotar valores, a fazer relações afetivas, que tanto podem ser positivas ou negativas, dependendo desse processo ao longo da vida. Portanto a educação sexual se inicia desde cedo e se desenvolve ao longo de toda a vida sendo influenciados por todos os meios que estão rodeados. Esse fato pode ser observado em crianças e adolescentes que recebem uma educação sexual satisfatória, tornam-se conscientes do próprio corpo e cuidam dele com responsabilidade e segurança, o que inclui a prevenção de gravidez indesejada e de doenças. O que também favorece a uma vivência da sexualidade quando for o momento adequando e de forma mais saudável e feliz (MULLER, 2013).

A educação sexual é um processo educativo que possibilita a formação de valores e atitudes referentes à forma que vivemos a nossa sexualidade. Ela deve vir acompanhada de conceitos biológicos, anatômicos e fisiológicos, mas acima de tudo, de aspectos sociais e culturais, envolve a discussão de preconceitos, tabus e dilemas. Além disso, a educação sexual deve ser tratada em rodas de discussão, palestras, debates, onde o jovem seja protagonista, participando ativamente da construção desses saberes de forma interativa, dinâmica e leve, a fim de, possibilitar uma reflexão crítica e ética sobre o assunto.

Desta forma, entendemos que:

Educação sexual é, antes de tudo, uma prática ou ação de transmissão de conhecimentos, representações, valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de educação. E como prática educacional é uma questão cultural, histórica e social, seu entendimento é marcado pelas mudanças ocorridas no modo de produção basilar da sociedade, envolvendo, além da dimensão biológica, a subjetividade, a afetividade, a ética, o desejo, a religiosidade, entre outras dimensões (BONFIM, 2012).

Infelizmente, o que vemos em nossa sociedade é uma educação sexual inexistente ou banalizada, em que a família tem vergonha de falar, a escola prefere não gerar discussões polêmicas, a mídia influencia negativamente, os amigos são tão desinformados quanto, e a sociedade reprime e julga. Essas atitudes geram, cada vez mais, jovens alienados, que tratam sua sexualidade de forma irresponsável. Como apontam Nunes e Silva (2000, p.126), o objetivo da “educação sexual é formar a pessoa por inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado”.

Por esse viés, consideramos que a educação sexual pode contribuir para, dentre outros fatores, diminuição de gravidez indesejada, redução de doenças sexualmente transmissíveis, diminuição de abortos, abusos sexuais e violência, mais clareza nas opções sexuais, reconhecimento geral do seu corpo, e tratamento da sexualidade de forma natural, afetiva e prazerosa. Todo programa de educação sexual deve se preocupar em desenvolver a capacidade de tomar decisões com responsabilidade e respeitando os sentimentos alheios (MORAES, 1998).

Devemos acima de tudo entender que a educação sexual não envolve apenas aspectos biológicos, mas psicológicos, filosóficos, históricos, sociais, afetivos e éticos. A questão não é só informar, mas conscientizar, orientar e possibilitar a criação de uma identidade sexual responsável e saudável. Apenas distribuir preservativos, colocar propaganda na televisão e ficar repetindo, “use camisinha”, não basta; mera prevenção sem educação, não conscientiza pessoas. A sexualidade não é formada de conceitos biológicos e frases de efeito. Ela é sentimento, afetividade, qualidade de vida e deve ser trabalhada nessa vertente.

Quanto mais silêncio se faz sobre esse assunto, mais curiosidade ele provoca. Deve-se então trabalhar a sexualidade de forma tranquila e natural, mas com maturidade e responsabilidade. É evidente que devemos impor limites, porque uma coisa é falar de

sexualidade saudável e outra é incentivar a uma vida sexual precoce, banal e reducionista. Não devemos jamais incentivar, mas também não devemos negligenciar e deixar de orientar nossos jovens.

4 EDUCAÇÃO SEXUAL E SUA HISTÓRIA

Tudo que vivemos hoje nos relacionamentos sexuais, na vida afetiva, no papel social tem a ver com a história da sexualidade. Ela está presente em nossas vidas desde que viemos ao mundo e vem mudando no decorrer do tempo, da pré-história aos dias de hoje.

Acreditamos que entender a sexualidade exige de nós tanto conhecimentos morfológicos e fisiológicos, como também históricos e culturais. Isso mostra que uma visão meramente biológica não é suficiente para a compreensão da sexualidade em sua totalidade. Precisamos conhecer como se formaram valores éticos e morais a partir da complexidade das nossas manifestações sexuais (BONFIM, 2012).

Durante muitos anos o sexo foi considerado um ato sujo, fruto do pecado e impuro. Com o tempo essa visão foi mudando, porém, por muito tempo, somente o homem podia sentir prazer e a mulher tinha a função apenas de reproduzir. Os relacionamentos sexuais entre homens era comum; e a prostituição de mulheres, também. Na Idade Moderna isso começa a mudar, tornando a sexualidade algo mais natural e, até mesmo, o adultério feminino começa a se tornar comum, porém a ação da Igreja, ao longo de toda a história influenciou significativamente nesses comportamentos, interferindo na educação das crianças, nas decisões políticas, permitindo o sexo apenas entre casados nas Leis de Deus, formando valores e costumes. Já na Idade Contemporânea surgem os primeiros preservativos o que possibilitou um maior controle da natalidade e a diminuição de DST's. Logo depois, no século XX a mulher começa a conquistar uma série de direitos, como o voto e surgem os primeiros anticoncepcionais o que revoluciona a vida dessas mulheres que agora possuíam o direito de decidir quando queriam se tornar mãe, além de poderem fazer relações sexuais mais tranquilas, ou até planejar um futuro profissional mais promissor. Ainda nesse século, outro ponto importante é que a homossexualidade deixa de ser considerada uma doença, algo sujo e errado pela Associação Psiquiátrica Americana. Nos dias de hoje, podemos observar, além dos avanços da medicina nas questões sexuais, que com a tecnologia, a sexualidade começou a se tornar banal, os relacionamentos estão cada vez mais breves e o contato real cada vez menor (MULLER, 2013).

Apesar de todos esses avanços ao longo dos anos, a sexualidade ainda hoje é regada de preconceitos e repressões, que não deve ser conversada em casa e nem na escola, a mulher continua sofrendo com a desigualdade social e com julgamentos morais. O que torna a educação sexual mais difícil de ser trabalhada e discutida (BATISTA, 2008).

Já no espaço escolar, no caso brasileiro, o cenário da educação sexual começou no final do século XIX e início do século XX, onde o aumento de casos de DST's estava se tornando preocupante e a sua prevenção cada vez mais indispensável. A partir desse problema as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira implementaram nas escolas conteúdos de práticas de saúde sexual e de valores morais. O que muito tempo depois foi culminar na sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um tema transversal, como falaremos adiante. Do ponto de vista histórico, a prática da educação sexual nas escolas foi marcada por tensões, resistências, falta de preparo dos profissionais, preconceitos e dilemas, mesmo tendo como função, no início, apenas uma questão higienista, principalmente, para a prevenção de gravidez na adolescência e das infecções sexualmente transmissíveis (QUIRINO, 2014).

Um dos documentos que marcou a educação brasileira foram os PCN, o qual trataremos da sua influência no ensino da sexualidade no próximo tópico.

4.1 PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

No final dos anos 90, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) incluiu a temática da sexualidade nos PCN, pois o país sofria uma série de problemas, como gravidez na adolescência e DST's. Nesse sentido a escola não podia se distanciar desse contexto, uma vez que os pais tinham dificuldade de discutir sobre esse tema com seus filhos. O processo educativo tinha como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associadas e deve ser trabalhada de forma ampla, flexível e sistemática, devendo ser contextualizada social e culturalmente. Dentro dos PCN esse tema é dividido em três blocos – Corpo: matriz da sexualidade; Relações de gênero; Prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids (BRASIL, 2000).

Segundo Almeida (2006), a sexualidade é proposta como Tema Transversal, ou seja, deve ser trabalhada em todas as disciplinas. A transversalidade começou a ser discutida, inicialmente, na Espanha, e surgiu a partir de questionamentos do real papel da escola em uma

sociedade plural, onde se fazia necessário abordar os conteúdos de maneira globalizada e interdisciplinar. Porém o que vemos ainda hoje é que a formação profissional é feita de forma vertical, fragmentada e compartimentada. Já Moreira (2011) diz que trabalhar a educação sexual de forma transversal significa envolver o corpo docente em uma abordagem interdisciplinar, onde diversos saberes pedagógicos devem dialogar entre si, promovendo, portanto a transdisciplinaridade.

Os PCN indicam que a ação pedagógica da educação sexual deve ser formal e sistematizada e que as intervenções devem ser planejadas abordando pontos de vista, valores e crenças sociais ajudando os estudantes a construir uma autorreferência por meio da reflexão. Porém a escola nunca deve invadir a intimidade e o comportamento de cada pessoa (BRASIL, 2000).

Como os próprios PCN mencionam, devemos trabalhar a sexualidade na escola além de uma visão médico-higienista-biológica, onde só as questões anatômicas e fisiológicas são levadas em consideração, não reduzindo a sexualidade ao sexo, muitas vezes confundindo e não orientando. Devemos entender que conhecer nosso corpo e o do outro não é algo pecaminoso e patológico. A escola nega o corpo da criança, como se ela fosse apenas um depósito de informação, chamada por Paulo Freire (1983) de “educação bancária”, em que o corpo e a mente são separados. Esse tipo de educação não entende que somos inteireza, razão e emoção, biológicos e sociais.

É claro que as questões biológicas da sexualidade são fundamentais e devem ser tratadas com seriedade dentro e fora da escola, mas não deve ser única. Outro ponto que deve ser levado em consideração é que apesar da educação sexual envolver vários aspectos biológicos, ela não deve ser de responsabilidade, unicamente, do professor de Ciências/Biologia, mesmo que esse tema seja trabalhado nos livros didáticos dessas disciplinas, mas sim de todos os educadores,. Já que é considerada um tema transversal, deveria ser abordado de maneira interdisciplinar, pois a formação de valores éticos, morais, culturais e sociais, quebra de preconceitos e tabus, formação de respeito e de responsabilidades vão além da divisão de conteúdos disciplinares.

5 EDUCAÇÃO SEXUAL – RESPONSABILIDADE DE QUEM?

Costumamos transferir nossas responsabilidades para o outro, evitando frustrações, problemas e sobrecargas de funções. Isso é muito observado na escola onde professores e pais se confundem em suas reais funções, interferindo um nos outros. Pais colocam muitas de suas responsabilidades dentro da escola, e a escola por sua vez não é preparada para lidar com muitas dessas questões. E todos juntos culpamos a mídia, a internet, a violência e outros fatores externos na formação dos “jovens de hoje em dia”.

A falta de informação, de formação, de preparo, de educação também interferem na ausência do diálogo sobre sexualidade com filhos e alunos, tornando-se um ciclo vicioso e perigoso tanto no âmbito da saúde quanto social.

5.1 Papel da Família

A família é o primeiro contato que a criança possui com a sexualidade, através do afeto, do carinho, do abraço, e até mesmo da repressão.

O adolescente está destinado para o mundo, e não para continuar a ser sempre apenas filho de seus pais. Lamentavelmente há muitíssimos pais que persistem em considerar os filhos sempre como crianças, porque eles próprios não querem envelhecer, nem renunciar à autoridade e ao poder de pais. Agindo deste modo, exercem sobre os filhos influencia altamente desastrosa por tirar-lhes todas as ocasiões de assumirem responsabilidade individual. C.G.Jung (2008) apud Muller (2013).

A família e a escola são as duas instituições mais adequadas para discutir a sexualidade. A família é a base onde os sujeitos deveriam receber as primeiras informações ligadas a esse tema, fazendo com que a criança construa cada vez mais cedo sua identidade sexual e social. No entanto, a família está condicionada a uma visão histórico-social crítica, preferindo silenciar e ignorar a sexualidade de seus filhos. Isso se deve, muitas vezes, ao medo de perder o respeito e a autoridade perante eles ou outros por não conseguirem compreender nem mesmo suas próprias sexualidades, condicionados por dogmas religiosos e preconceitos sociais (MULLER, 2013).

A partir disso vemos a necessidade de criar projetos dentro da escola que traga os pais para dentro dessa educação, debatendo e criando uma visão ampla sobre esse assunto,

podendo assim, orientar melhor seus filhos e, através do conhecimento sobre o assunto e da sua importância, diminuir as críticas e represarias que são feitas nas escolas quando tentam trabalhar esse assunto, sendo julgadas pelos pais de estarem incentivando a pornografia e a erotização de seus filhos.

Falamos de sexualidade com nossos filhos é também um ato de amor para com eles, especialmente em tempos que vivemos problemas, como a violência sexual, gravidez na adolescência e DST's. É fundamental que as crianças e os jovens saibam como se relacionar com o próprio corpo, justamente para evitar todos esses problemas e possuírem uma vida sexualmente saudável, afetiva, responsável, consciente e prazerosa.

5.2 Papel da Escola

Como já foi citado anteriormente, devido a vários fatores sociais, a escola se tornou uma das instituições responsáveis por trabalhar a educação sexual com crianças e jovens, inserido inclusive nos PCN pelo MEC como tema transversal. Porém ela não deve, como na maioria das vezes ocorre, ser a única. As demandas chegam à escola e esta, ao desempenhar seu papel social, deve junto com os professores e com a família construir uma visão crítica, reflexiva e responsável da sexualidade de seus alunos.

Considerando que precisamos nos humanizar por meio da convivência, ou seja, das relações que cada um estabelece com o outro, em um mundo com tantos problemas, repressão e falsas liberdades, a escola se torna um local primordial para estabelecer relações de convivência, de vivência, de interação e de debates. Precisamos entender que a educação não se refere apenas ao desenvolvimento mental, mas também social e cultural, e a escola tem um papel fundamental nessa formação (QUIRINO, 2014)

Segundo Muller (2013), os professores estão em contato direto com os alunos e cabe a eles transmitir conteúdo das diversas disciplinas escolares, mas as noções de educação sexual deve perpassar toda a escola, de forma transversal e interdisciplinar. A autora cita algumas das funções que acredita serem básicas para uma educação sexual na escola, como ensinar temas básicos, promover a reflexão, oferecer ajuda sempre que necessário, e reforçar a noção de limites.

Aos educadores diríamos que conhecer o corpo, suas possibilidades e potencialidades, é tão importante quanto o aprendizado da leitura e da escrita do mundo,

propiciando uma leitura de si mesmos. Assim como conhecemos o mundo a fim de torna-lo um lugar melhor, devemos nos conhecer para tornar melhor o nosso mundo interno, e isso inclui a sexualidade. Pais e educadores precisam entender que ocultar o assunto também é posicionar-se sobre ele. A neutralidade pode ser pior do que uma posição contrária, a omissão também pode contribuir para que o preconceito e os tabus sexuais se perpetuem (BONFIM, 2012).

Outra coisa importante que deve ser lembrada é que falar de sexualidade não se resume a ministrar palestras a respeito de métodos contraceptivos, onde se repete “use camisinha”, “não engravide”, “cuidado com as DST’s”, mas sim um diálogo reflexivo e emancipatório. Porém para que essa educação sexual seja satisfatória é necessária uma formação/preparação dos professores, o que também não costuma acontecer, não só nas universidades, mas de forma continuada (BATISTA, 2008).

5.2.1 Formação de Professores

A formação de professores interfere diretamente na educação, entre elas a educação sexual em que é necessária uma preparação especial para ser trabalhada. Quando falamos aqui em formação, estamos nos referindo não só a realizada na graduação, mas também de forma continuada, reciclando seus conhecimentos e inovando suas práticas educacionais (LOURO, 2014)

Concorda-se que abordar a sexualidade e todas as suas dimensões é um desafio para o educador, exigindo habilidades, competências, atitudes, valores, qualificação e conhecimentos específicos o que torna ainda mais fundamental uma formação adequada para a área, porém esta encontra-se fragilizada nas questões sociais, culturais e históricas ligadas a esse tema, repleta de dogmas e preconceitos. Daí os professores precisarem estar sensibilizados quanto à importância de trabalhar a sexualidade e reconhecer seus valores.

Os investimentos na formação continuada dos educadores têm sido um aspecto ainda fragilizado e pode influenciar no preparo técnico e emocional dos professores na efetivação e no aprofundamento da educação sexual. De acordo com inúmeros estudos, a educação do educador é o que mais conta na relação com o aluno. E não só metodologicamente, mas também na formação de valores e crenças (QUIRINO, 2014).

Uma das soluções possíveis seria a inserção de uma disciplina na organização curricular dos cursos de licenciatura que trabalhasse a educação sexual não só em sua vertente biológica, mas também histórico-social. Nunes e Silva (2000) afirmam que a formação do educador sexual deve promover ações coletivas, possibilitando novas práticas sociais que formem consciência e valores éticos e que levem a compreensão da sexualidade em sua totalidade, para que possamos vivê-la de maneira saudável, prazerosa e emancipatória.

É importante salientar que a formação não se faz antes da mudança e sim durante, num esforço de inovação e de procura de melhores percursos para a transformação da escola (BATISTA, 2008).

Ao professor cabe a busca e a conquista de sua voz, resgatando e colocando em prática o seu papel de educador, revelando sua vocação e todos os desejos que o motivaram a essa escolha profissional. O professor é um construtor coletivo do conhecimento, e dizemos coletivo, pois ele não o faz sozinho. A criança deve construir seu conhecimento e não ser mera espectadora daquilo que lhe é ensinado.

Muitos são os problemas encontrados na formação dos professores, como a desvalorização da profissão por parte do Estado; o controle autoritário do governo inviabilizando a autonomia do professor; degradação do seu estatuto e do seu nível científico. Todas as pessoas, principalmente os professores, precisam se envolver em um processo de crescimento que requer comprometimento e esforço para identificar seus obstáculos internos que os impedem de evoluir em relação à própria sexualidade (BATISTA, 2008).

5.3 Influência da mídia na Educação Sexual de crianças e jovens

A mídia, internet e televisão, principalmente, influenciam toda uma sociedade, determinando comportamentos, ditando modas e padrões de beleza e formando opiniões, o que podem ser positivas ou negativas, vai depender da forma como enxergamos e da reflexão que fazemos do que vimos e ouvimos. E nossos jovens são os principais influenciados por esse meio de comunicação e os que menos sabem lidar com ele, cabendo à escola e a família ajuda-los nesse dilema.

Alarcão (2003) afirma que para viver na sociedade da informação é preciso competência para interpretar as informações recebidas ou procuradas, discernindo o que deve

ou não ser assimilado. É importante notar o poder esmagador da mídia que evidencia o bem e o mal e valores positivos e negativos de acordo com seus interesses comerciais.

Apesar da mídia distorcer o tema com cenas que revelam uma sexualidade comercial e que aparentemente não existem problemas, ao mesmo tempo, promove grandes polêmicas envolvendo o tema, o que ajuda diversas pessoas a encontrarem uma situação confortável para entender suas questões ou se sentirem mais à vontade com elas. Essa mídia não é só a causa desses problemas, mas sim um reflexo da sociedade em que vivemos e de todos os preconceitos nela embutidos (LOURO, 2014)

Informações ou até desinformações estão em todos os lugares. Alguns dizem que os jovens sabem mais de sexo do que os adultos, mas isso não é verdade, pois a sexualidade vai além disso, e esses meios acabam formando nesses jovens uma visão alienada e repressiva desse tema influenciadas pela sua mercantilização. Portanto devemos desde cedo orientá-los para que consigam lidar com essas influências da mídia e que tenham uma vida sexual responsável (QUIRINO, 2014)

Influenciados pelo o que é ditado nos meios de comunicação, crianças e adolescentes constroem suas identidades sexuais, modificando suas maneiras de agir e de ver o mundo. Além de transformarem a sexualidade num produto de consumo, a mídia promove a construção de compreensões diversificadas das relações de gênero, funcionando como modelos de conduta sexuais (BONFIM, 2012).

Na televisão, tudo é bonito e tem final feliz. Porém os jovens precisam entender que a vida real é um pouco mais complexa, que uma gravidez na adolescência, por exemplo, não é tão simples. A vivência da sexualidade mostrada pelos meios de comunicação é símbolo de uma falsa liberdade, pois liberdade, acima de tudo, significa responsabilidade. É necessário alertar os adolescentes sobre a importância de não aceitar tudo que é dito pela mídia como verdade absoluta. É fundamental que aprendam a confrontar ideias, a escutar, a questionar valores, a valorizar as pessoas com as quais convivemos.

6 A PESQUISA COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

Existem diferentes tipos de pesquisa, cada uma sendo mais adequada para determinado tipo de trabalho. Dois tipos básicos seriam a análise quantitativa, detendo-se a estatísticas e dados numéricos, e a análise qualitativa que possui uma visão mais subjetiva e, a

pesquisa qualitativa possui um cunho descritivo considerando todos os dados como merecedores de atenção (BATISTA, 2008).

A forma qualitativa é muito utilizada dentro da educação, pois permite uma visão mais ampla e reflexiva do ambiente estudado. Dentro desse tipo de análise podemos realizar diversos tipos de pesquisa e intervenção, como a pesquisa-ação.

A pesquisa-ação configura-se como um método eficaz para a solução de problemas sociais percebidos por um grupo de pessoas, onde pesquisador e sujeitos trabalham juntos para que isso aconteça, portanto não é uma intervenção pontual, mas coletiva. Esse tipo de pesquisa surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática, onde o trabalho não se limita a descrever um problema, ou sugerir soluções, mas sim de colocá-las em prática e analisar seus resultados. Sendo assim, é preciso que no fim desse processo algum tipo de transformação tenha acontecido no grupo envolvido (QUIRINO, 2014).

Segundo Engel (2000), a pesquisa-ação é autoavaliativa, ou seja, as ações introduzidas no processo são constantemente avaliadas no decorrer da intervenção, podendo ser modificadas e redefinidas ao longo da sua aplicação, conforme necessário, trazendo benefícios para a pesquisa, isto é, para a prática.

Os formadores de professores têm uma grande responsabilidade na ajuda ao desenvolvimento desta capacidade de pensar autônoma e sistematicamente. E têm vindo a ser desenvolvida uma série de estratégias de grande valor formativo, com algum destaque para a pesquisa-ação no que concerne à formação de professores no contexto de trabalho (ALARCÃO, 2003).

A Educação Sexual gera uma série de reflexões acerca de mudanças necessárias para que ela ocorra com eficiência. Para isso é fundamental que se adote uma metodologia adequada, como a pesquisa-ação onde são encontradas características importantes para a execução desse tipo de trabalho.

Nesta pesquisa utilizamos questionários e discussões em grupo para realizar a sondagem dos alunos sobre educação sexual, afim fornecer um embasamento para elaboração do projeto que seria posteriormente aplicado.

O projeto intitulado Diário da Sexualidade. Sim, eu falo sobre isso!, foi organizado para ser realizado em cinco encontros em duas turmas somente de alunas a partir

de 14 anos que cursavam o 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. As observações das atividades foram anotadas em diário de campo e fizeram parte da pesquisa. A descrição de cada atividade e seus resultados discutidos serão apresentados nos próximos capítulos.

7 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa de intervenção, caracterizada como uma pesquisa-ação. Quando comecei a lecionar em escola, no caso na disciplina de Ciências e Biologia para alunos tanto do Ensino Fundamental II quanto Ensino Médio, foi possível perceber os problemas que os alunos enfrentavam com a sua sexualidade, como a quantidade significativa de adolescentes grávidas, meninos que já eram pais, ou problemas de preconceitos com homossexuais, além de outras questões.

A escola em questão, EEFM Maria Menezes de Serpa, é pública de responsabilidade do Governo do Estado, e está situada em um bairro carente, com grande índice de violência e problemas sociais, Vila Velha na cidade de Fortaleza-CE; o que torna a educação ainda mais importante na vida desses jovens.

Além de todas as questões que já havia observado de maneira geral na escola no âmbito da Educação Sexual, foi quando comecei a ser professora de Biologia do 1º ano do Ensino Médio que esse problema ficou ainda mais claro, pois é nesse ano que o livro didático costuma trazer a “sexualidade” como conteúdo, coloco entre aspas porque a sexualidade em si não é trabalhada nos livros, mas sim apenas uma visão anatômica-fisiológica-higienista do assunto. Ao tratar desse assunto com os alunos tomei cuidado de fazer essa Educação Sexual como realmente deveria ser feita.

Quando comecei a trabalhar a Educação Sexual com meus alunos do 1º ano causei um grande impacto tanto para eles como para a escola em geral, pois logo os comentários sobre as aulas da professora de “sexo” começaram a serem espalhados. Eles relatavam que jamais haviam conversado sobre esse assunto na escola, a não ser em palestras rápidas e entediantes sobre “use camisinha”, e que não se sentiam a vontade de falar sobre esse tema com outros professores.

Com o passar dos anos, vieram outras turmas de 1º ano e o mesmo se repetiu, além disso, mesmo após o término das aulas sobre esse conteúdo, os alunos sempre me

procuravam nos intervalos ou entre as aulas para tirarem dúvidas sobre anticoncepcionais, pílula do dia seguinte, suspeitas de gravidez e outras questões; fazendo de mim uma espécie de amiga-ginecologista-psicóloga-professora, enfim, acabei me tornando uma figura de confiança em que sempre contavam para conversar sobre esse assunto.

Essas atitudes dos alunos foram crescendo tanto que até mesmo os professores da escola começaram a me procurar para tirarem dúvidas, sendo conhecida por toda a escola como a professora que fala de “sexo”. O que deixou ainda mais claro a necessidade de uma Educação Sexual efetiva dentro dessa escola, motivando-me a cada dia.

7.1 Análise geral dos alunos

Para fazer qualquer intervenção na Educação Sexual desses alunos, era necessário conhece-los melhor para entender quais eram suas angústias, como eles enxergavam as suas sexualidades, qual o nível de conhecimento eles possuíam e se costumavam conversar sobre esse assunto com alguém. Com isso, elaborei um questionário diagnóstico (Apêndice 1) que procurava responder todas esses pontos, além de outros que observavam mais as questões sociais e culturais desses estudantes.

Foram aplicados e analisados, em toda a escola, 129 questionários, onde os alunos possuíam entre 14 e 20 anos de idade. Com a coleta de informações encontramos que 58,14% dos estudantes nunca tinham tido aula sobre Sexualidade, porém 95,35% acham muito importante que as tivessem em suas escolas, e apresentaram como justificativas, prevenção de gravidez e DST's, tirar dúvidas, auxiliar nas tomadas de decisões, e porque não falavam sobre esse assunto com a família. Este fato aparece em outro questionamento em que 47,29% relataram não possuírem esse diálogo com seus familiares, procurando informação principalmente com amigos e na mídia, e muitos dos que possuíam restringia-se a “cuidado para não engravidar”, “use camisinha”. O que é comum nas nossas famílias, pois sentem vergonha, não acham um assunto apropriado para falar com suas crianças, achando que falar de sexualidade é o mesmo que incentivar sua prática, fazendo um discurso repressivo e repetitivo (MULLER, 2013).

Em relação aos outros pontos levantados no questionário, observamos que 47,29% dos alunos já haviam tido relações sexuais, e dentre deles 73,77% à fizeram alguma vez sem preservativo, mas nenhum tinha filho. Três fatos interessantes que podemos observar, é que

apesar do número de estudantes que já tiveram relações sexuais ser quase a metade, o que se esperava ao conversar com eles, como se comportam e o que dizem aos amigos, é um número baixo. Porém, já quando analisamos a quantidade de estudantes que não usaram preservativo, esse número se torna assustador, e isso também foi observado quando eles vinham tirar dúvidas pessoalmente, em que em sua maioria era sobre a ameaça de gravidez, pois não tinham se protegido. O mais interessante foi que nenhum dos estudantes relatou ter filho, mesmo tendo a presença de várias grávidas, mães e pais na escola, o que pode ser até por vergonha, mesmo sabendo que nenhum dos questionários deviam ser nomeados.

Quando analisado o uso de métodos contraceptivos pelas meninas, quase 17% já haviam feito uso de anticoncepcional, no qual também é um tema em que sempre vinham tirar dúvidas sobre atrasos, reações adversas ou medo de engravidar. Já em relação à pílula do dia seguinte, 7 alunas já haviam tomado, porém esse número se torna preocupante, pois a partir de discussões realizadas em sala de aula, foi possível perceber que quem usava uma vez costumava usar outras vezes, as que não usaram tinham muita curiosidade em saber como funcionavam e os meninos diziam que suas namoradas costumavam tomar. Outra questão importante é que apenas 25,8% das meninas já haviam ido ao ginecologista, utilizando métodos contraceptivos sem prescrição médica, nem fazendo exames de rotina tão essenciais para a saúde dessas jovens.

Outros pontos questionados foram a respeito de questões sociais, papel do homem e da mulher na sociedade, preconceitos e homossexualidade, que tinham como objetivo gerar uma discussão em sala, debatendo conceitos e confrontando ideias e preceitos desses estudantes. Na primeira indagação 14,73% dos alunos concordavam que homens podem se relacionar com várias meninas e o oposto não, opinião essa na grande maioria de homens, que relatavam que elas podiam até ficar, mas com a consciência que iriam ficar mal faladas e não seriam valorizadas, o que apesar de revoltar as meninas, muitas concordavam com eles. A segunda indagação colocava que rosa é cor apenas de meninas, onde apenas 8,53% alunos concordaram, porém quando começava a discussão e falávamos desse rosa em um enxoval de menino, ou em um aniversário de criança em que era um menino, já a grande maioria discordava, porque ai já era demais, que rosa só é cor de menino quando ele já é grande, que seria estranho e que não fariam com seus filhos. Caindo em contradição e ficando confusos depois da discussão. Já quando falávamos que meninas devem ganhar bonecas e artigos de casa e os meninos devem ganhar bola e carrinhos, 48,06% concordavam, ou até meninas podem ganhar as mesmas coisas que os meninos, mas o oposto não, porém 38,76% não

concordam que os serviços domésticos sejam obrigações das mulheres, enquanto os homens devem trabalhar. O que também foi discutido entre eles e criou novas contradições, debates e desconfortos, onde os mesmos que não vinham com problemas com os brinquedos eram revoltadas, maioria meninas, por dentro de casa os serviços domésticos não serem distribuídos igualmente entre seus irmãos ou pais, e que nunca tinham visto as coisas dessa forma.

Um dos questionamentos e debates mais interessantes foi a respeito dos homossexuais, em que 70,54% disseram que os homossexuais devem possuir os mesmos direitos dos demais, e que precisamos respeitá-los, pois são pessoas comuns, porém quando questionamos se eles tinham algum problema em ver na televisão ou presenciar um beijo entre homossexuais, apenas 40,31% disseram que não, que é como o beijo entre qualquer outra pessoa. Os alunos que não concordavam diziam que beijo já era demais, que eles fossem gays na casa deles, porque ninguém precisava ficar vendo isso. As discussões foram intensas, questionando que porque as pessoas não viam problemas em assistir cenas de assassinato, estupro, mas achavam que um beijo entre dois homossexuais já era um absurdo, que se conviver com gays influenciava a outra pessoa a ser também, porque existiam homossexuais filhos de heteros e vice-versa?

Depois de toda essa análise podemos observar o quanto esse questionário foi essencial, pois mostrou um pouco a respeito da sexualidade dos estudantes, como eles se viam, como se comportavam a respeito dela, o que entendiam sobre, qual a visão de mundo que possuíam, despertou curiosidades, discussões, mudanças de opiniões, reflexões, análise crítica da sociedade que viviam, o quanto eles mesmo às vezes eram contraditórios e não tinham opinião formada sobre tudo. Tudo isso foi de extrema importância para esses estudantes, pois além de permitir que discutissem sobre um assunto tão polêmico, repleto de tabus e que quase nunca tinham espaço para isso ou se sentiam a vontade para fazê-la, também foi essencial para a formação deles, contribuindo para que, na medida do possível, tivessem a partir dali uma sexualidade mais saudável e responsável. E, principalmente, foi responsável por embasar o projeto desenvolvido e posteriormente aplicado nessa mesma escola, no qual falaremos no próximo tópico.

8 EDUCAÇÃO SEXUAL – COLOCANDO EM PRÁTICA

Ao fazer essa pesquisa prévia surgiu a necessidade de realizar um projeto maior que atingisse ainda mais esses jovens. O núcleo gestor da escola apoiou a ideia, o que foi essencial para a aplicação do projeto.

Esse projeto foi baseado nas aulas que tive com o 1º ano, que no caso já está na 3ª edição, com as discussões que tivemos, com o questionário avaliativo, com as dúvidas diárias e com a necessidade que os deixavam aflitos.

O primeiro ponto decidido foi que o projeto seria aplicado, exclusivamente, para meninas, pois durante as aulas percebi que elas, na grande maioria, ficavam constrangidas nas discussões e acabavam não tirando dúvidas e não aproveitando a oportunidade, com receio dos comentários dos meninos e até de outras meninas. Outra questão foi que devido o espaço da escola destinado à aplicação do projeto não comportar tantas alunas, as meninas que já haviam sido minhas alunas no 1º ano e já tinham tido a oportunidade de conversar sobre esse assunto, não poderiam participar, além de meninas menores de 14 anos, tanto devido ao número, quanto com a preocupação do núcleo gestor com a reação dos pais dessas alunas.

Além disso, foi realizada uma reunião na escola, onde explicamos como seria a aplicação do projeto e a importância que suas filhas participassem. A grande maioria dos pais, procuraram a mim e disseram se sentirem felizes e aliviados com a ideia, pois tinham grande preocupação com a sexualidade das filhas, principalmente em relação a uma gravidez, ou em relacionamentos com rapazes que não achavam adequados. Além da reunião houve o cuidado de que as meninas só poderiam participar do projeto com a autorização dos pais, através de uma inscrição que vinha explicando quais os objetivos dos encontros devendo ser assinados pelo responsável.

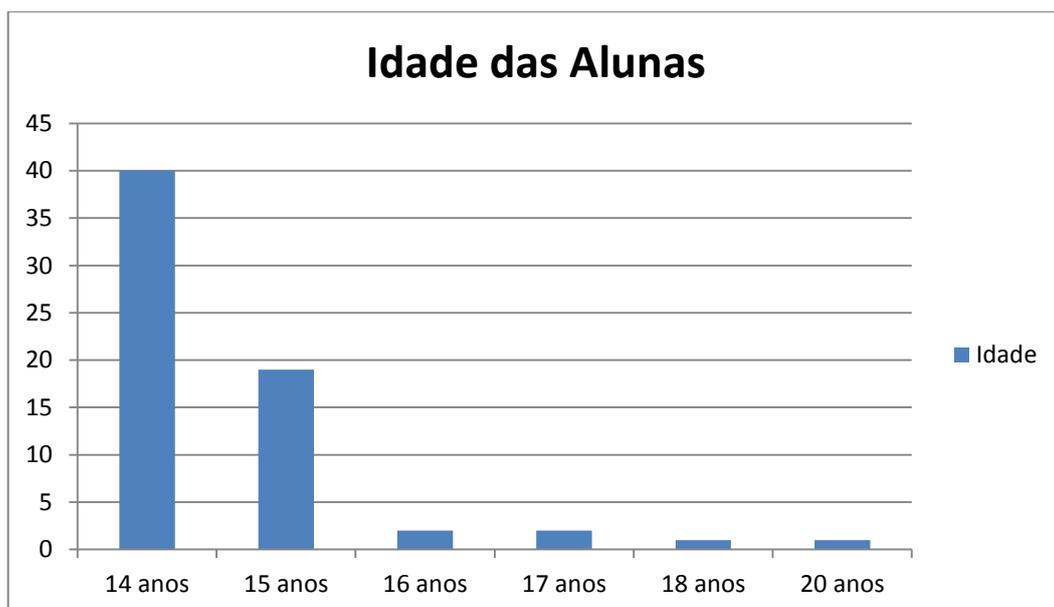
Os encontros não tinham a intenção de serem aulas comuns, expositivas, onde só o professor fala e o aluno escuta, mas sim uma roda de discussões, com vídeos interativos, e tira dúvidas, onde a participação das alunas é essencial para a realização do projeto.

Outro ponto importante foi à questão “estética” do projeto. Primeiro a escolha do nome, que não poderia ser algo tão direto para não causar constrangimento pra quem participasse, e nem algo muito simples que não despertasse interesse, no fim o nome escolhido foi – Diário da Sexualidade. Sim, eu falo sobre isso!. Diário porque seria algo

apenas para meninas onde tudo que seria conversado ficaria só com a gente, se tornando um momento de desabafo; Sim, eu falo sobre isso, seria para ressaltar a importância de conversar sobre esse tema sem medo ou vergonha. A roupa também foi algo pensado, pois não seria interessante que elas usassem a farda da escola, porque iria sujar e no outro dia não poderiam ir para a escola sem ela; porém elas tinham que usar algo que as identificassem dentro da escola, para não abrir oportunidade de outros alunos se infiltrarem. Foi pensado em uma blusa temática do curso, mas poderia gerar algum constrangimento para as meninas, mesmo que não tivesse escrito nada demais, mas como sabemos que esse tema costuma sofrer muitos preconceitos, preferimos evitar. Portanto foi decidido que elas deveriam usar uma blusa rosa, pois apesar de ser uma atitude heteronormativa e orientações para Educação Sexual serem contrários a esta postura foi uma forma simples que encontramos para padroniza-las.

Para a realização do projeto houve a formação de duas turmas de alunas, uma de manhã com 26 alunas e outra de tarde com 39 alunas, totalizando 65 estudantes. Os encontros aconteciam no contra-turno, ou seja, quem estudava de manhã fazia o curso a tarde e vice-versa, para não atrapalhar as aulas das outras disciplinas. Foram realizados cinco encontros semanais de três horas com cada turma, fechando a programação do projeto em 15 horas. A maioria das alunas, faziam o 9º ano do Ensino Fundamental II e possuíam de 14 a 20 anos como mostra o gráfico a seguir.

Figura 1: Idade das alunas das turmas que participaram do curso de sexualidade.



Fonte: Dados do pesquisador.

8.1 Análise das alunas participantes do projeto

No início do projeto foi aplicado um questionário avaliativo (Apêndice 2) muito parecido com o primeiro e com objetivos semelhantes, que era conhecer melhor as alunas que participavam dos encontros, afim de realizar o trabalho de acordo com as necessidades apresentadas. Novamente os questionários não deveriam ser identificados, deixando-as mais a vontade no seu preenchimento.

Apesar de 65 alunas participarem do projeto, efetivamente, apenas 49 preencheram este questionário, ou porque faltaram, ou porque diziam já ter respondido sem ter, pois não se sentiam a vontade ou não tinham interesse.

O primeiro ponto do questionário perguntava se as alunas já haviam tido aula de sexualidade em sua escola. A grande maioria respondeu que não, porém gostariam ter, o que já era esperado, já que a Educação Sexual é um tema em que a maioria dos professores costuma evitar para não gerar conflito com a escola, com a família, ou até por falta de interesse e preparado. A tabela abaixo mostra os dados encontrados, ressaltando que as justificativas não representam 100%, pois nem todas a fizeram.

Tabela 1: Dados da 1ª questão – Você já teve aula sobre sexualidade na sua escola?
Se sim, como foi a realização desta?

Resposta	Justificativa
Não – 83,7%	Gostaria de ter, pois é muito importante – 41,46%
	Nunca tive, pois faltava interesse do professor ou ele achava inadequado – 4,9 %
Sim – 16,3%	Tive, mas achei muito superficial – 25%
	Foi realizada durante a aula do professor – 37,5%
	Foi bastante interessante – 25%
	Foi realizada na forma de palestra – 12,5%

Fonte: Dados do pesquisador

O segundo questionamento era se as alunas costumavam falar de sexualidade com sua família. 46,9% relataram que não, mas gostariam de ter, porém seus pais não ficavam a vontade ou as achavam muito crianças para esse tipo de conversa; e 53,1% disseram conversar sim. Apesar do número de sim ter sido maior, a quantidade de alunas que não têm essa oportunidade ainda é muito grande, e mesmo as que relatam conversar com sua família,

afirmaram que nem sempre isso acontece de maneira satisfatória, sendo as conversas apenas repressiva e/ou de alerta.

Na terceira pergunta quando foi questionado se as alunas achavam importante possuir na escola algum momento para conversar sobre sexualidade, todas responderam que sim, o que era esperado, já que são alunas que aceitaram participar do projeto. Entre as justificativas, a maioria disse que era importante para evitar DST's e gravidez, mostrando uma visão reducionista da sexualidade que é imposta socialmente desde cedo na cabeça das nossas crianças; além disso, surgiu, a necessidade de receber orientação, porque possuíam vergonha dos pais, porque entendem que é um dever da escola, e para aprender a ter respeito e responsabilidades.

Quando questionado porque tinham aceitado participar do curso, surgiram respostas unânimes como, para aprender mais, tirar dúvidas, porque era importante, interessante e tinham curiosidades, ou para aprenderem a se prevenir. Além de respostas inusitadas como, porque minha mãe mandou, e porque gostaria ser uma profissional do sexo; o que prefiro pensar que ela gostaria de se tornar uma estudiosa, sexóloga ou algo nessa linha.

Já quando perguntado qual foi a reação dos seus responsáveis quando pediram para participar do projeto, as respostas foram divididas entre, porque acharam importante, interessante e que deveriam aprender a se prevenir, como também surgiram algumas que relataram que os pais ficaram assustados, curiosos, que achavam importante, mas ainda eram muito novas, e demoraram um pouco para aceitar, e aqueles que nem ao menos se interessaram em saber do que se tratava e apenas assinaram o papel. Ou até mesmo aquelas respostas inusitadas que sempre aparecem em questionários, como, ela deixou, mas só depois que eu lavasse a louça.

A próxima etapa do questionário procurava saber onde as alunas costumavam obter informações sobre sexualidade, afim de, ver o grau que a escola e família interferiam nessa educação e, principalmente, a mídia. Os resultados são mostrados na tabela a seguir, levando em consideração que poderia ser marcado mais de uma opção.

Tabela 2 – Dados da 6ª questão – Onde você costuma obter informações sobre assuntos ligados a sexualidade?

Fonte de Informação	Quantidade de alunas
Amigos	39 alunas
Família	19 alunas
Internet	18 alunas
Televisão	18 alunas
Escola	17 alunas
Livros	9 alunas
Outros (namorado)	4 alunas
Nenhum	1 aluna

Fonte: Dados do pesquisador

A partir da análise dos dados dessa questão podemos ver a grande influência da mídia, representadas pela televisão e internet, como aponta Muller (2013) serem esses meios que, muitas vezes, modelam a personalidade dos nossos jovens, cabendo aos educadores e aos familiares orientá-los. 73,5% dos alunos que responderam o questionário costumam consultar essas fontes para obter informações sobre sexualidade, sofrendo com as pressões sociais, preconceitos, dogmas, e padrões que esses meios mostram diariamente, tornando a vida sexual algo banal, e confundindo liberdade com irresponsabilidade. Outro fato, natural, mas que também merece atenção é a quantidade de alunas que relataram tirar dúvidas com amigos, que não deveria ser um problema se essas jovens tivessem uma educação adequada, sabendo discernir o que deve assimilar ou não do que ouve e ver, porém esses amigos costumam ser tão desinformados, influenciados, e alienados quanto elas, tornando um ciclo de troca de informação perigoso.

A última questão trazia várias afirmações nas quais as estudantes deveriam marcar caso ela fosse verdadeira ou elas concordassem com o que estava escrito. Os dados encontrados tanto permitiram uma análise quantitativa de pontos importantes da sexualidade das alunas quanto geraram diversas discussões enriquecedoras, no caso semelhantes as do questionário anterior, como encontrado na próxima tabela.

Tabela 3 – Dados da 7ª questão. Marque com um (x) nas opções que na, sua opinião são verdadeiras.

Afirmação	Porcentagem de marcações
Já menstruei	100%
Já tive relações sexuais	28,6%
Já utilizei algum tipo de anticoncepcional	6,1%
Já fiz relação sexual sem camisinha	35,7%
Tenho filho(a)	0%
Já tomei pílula do dia seguinte	21,4%
Já fui ao ginecologista	24,5%
Moro com meu parceiro	0%
Já sofri algum tipo de abuso sexual	0%
Tenho vergonha de falar sobre assuntos ligados a sexualidade	40,8%
Acho correto que os meninos podem se relacionar com várias meninas, já o oposto, não	0%
Acho que rosa é cor apenas de meninas	10,2%
Acho correto que meninas ganhem brinquedos de artigos de casa e família, e os meninos ganhem veículos e artigos de esporte	34,7%
Acho que as mulheres devem fazer os serviços domésticos e os homens trabalharem	20,4%
Acredito que os homossexuais devem ter respeito e os mesmo direitos dos demais	87,7%
Não vejo nenhum problema em assistir na televisão ou até mesmo presenciar beijos entre homossexuais	77,5%

Fonte: Dados do pesquisador

Podemos observar várias questões importantes nesses dados, o primeiro está relacionado ao fato de todas as alunas já ter menstruado, o que vem ocorrendo cada vez mais cedo, devido, principalmente, a grande quantidade de hormônios que a alimentação atual carrega. Outro fato é de poucas alunas já terem tido relações sexuais, 28,6%, até mesmo por a maioria das alunas serem novas, porém algumas relatavam que já tinham tido relações intensas, mas sem penetração, resumindo a relação sexual a esse ponto. A virgindade foi um tema bastante debatido, tanto o seu conceito social e biológico, quanto sua importância. Apenas 24,5% das jovens já haviam frequentado o ginecologista, mas a grande maioria

porque possuíam algum problema/doença, aqui também foram tiradas dúvidas sobre os diferentes tipos de exames. Apenas 6,1% faziam uso de anticoncepcional, em muitos casos para tratamento hormonal e 21,4% já tomaram pílula do dia seguinte. Esse último merece mais atenção, pois muitas meninas costumam usa-la como método contraceptivo causando mal a saúde, mas todas tinham muitas dúvidas e curiosidades relacionadas a ambos, como veremos no próximo tópico.

Três afirmações não foram marcadas por nenhuma aluna, mostrando que não possuem filho (a), não moram com seus parceiros ou já sofreram algum tipo de abuso sexual. Porém esse não é um dado tão tranquilizador quanto parece, pois é comum alunas, professores e pais dos estudantes dessa escola relatarem um desses problemas. O abuso sexual é o mais preocupante, pois, às vezes, é cometido pela própria família e nenhuma atitude é tomada, ou por medo ou por falta de informação, traumatizando o jovem por toda a vida e até explicando diversos dos seus atos. Nenhuma aluna grávida ou que já é mãe participou do projeto até mesmo por uma questão de tempo, geralmente tendo que se dividirem entre a escola, o filho e o trabalho, já que costumam não ter o apoio do pai da criança e por possuírem uma vida financeira complicada.

As demais afirmações tinham o objetivo de gerar discussões para sentir a opinião das alunas em relação à sexualidade e quebrar tabus e preconceitos relacionados ao tema. Quase metade das meninas, disseram ter vergonha de falar sobre assuntos ligados a sexualidade, o que foi interessante, pois mesmo com vergonha elas aceitaram participar do projeto e no decorrer dos encontros foram ficando mais a vontade para debater e tirar dúvidas. Essa timidez é muito comum, não só entre os jovens e, principalmente, ao tratar desse assunto com um desconhecido, isso se deve a repressão que a sexualidade sofre em vários setores sociais, tornando até pecaminoso conversar sobre isso.

Em relação ao item em que perguntava se meninos podem ficar com várias meninas e o oposto não, nenhuma aluna marcou, dizendo que não tinha nada a ver, que todo mundo tinha os mesmos direitos. Tudo bem até aí, porém no decorrer das discussões as estudantes disseram que mesmo que isso não devesse acontecer, meninas que tomam essa atitude costumam sofrer preconceito não só entre os meninos como entre elas mesmas, não sendo valorizadas ou, como foi dito, não são mulheres para namorar. Como aponta Muller (2013) esse é outro conceito histórico-cultural imposto em uma sociedade machista e

repressiva, em que a mulher não possui os mesmos direitos que os homens, recebendo mais pressões e julgamentos desde cedo.

Os próximos três pontos tiveram resultados e discussões semelhantes ao primeiro questionário. Relacionados ao uso da cor rosa por meninos, brinquedos específicos de meninos e meninas, e papéis do homem e da mulher na sociedade. Mesmo apenas meninas respondendo esse questionário, ainda vemos respostas machistas e discussões, extremamente, contraditórias. Mais uma questão que serve de exemplo da sociedade que vivemos, da influência da mídia, e da educação que recebemos em nosso país, mostrando o quanto é importante o diálogo entre a família, o compromisso da escola e a formação dos professores, afim de, diminuir esses problemas no futuro.

Já quando falamos das questões homossexuais as meninas mostraram-se mais coerentes, onde a grande maioria respondeu que todos possuímos os mesmos direitos e merecemos respeito, além de não verem problema em presenciar um beijo gay. Não caindo tanto em contradição como no questionário anterior, porém ainda existiam resquícios de preconceitos em algumas falas de alunas, mesmo daquelas que diziam aceitar tal situação. Isso é comum em nossa sociedade, em que as pessoas dizem aceitar o outro, desde que não sejam com elas o com suas famílias, mostrando uma falsa modernidade e liberdade social (LOURO, 2014).

Assim como o primeiro, esse questionário foi essencial para conhecer e entender melhor os nossos jovens, afim de, realizar um projeto de educação sexual de qualidade e adaptada a eles, o qual será explicado com mais detalhes no próximo tópico.

8.2 Metodologia e análise dos encontros

Como já foi dito anteriormente, foram realizados cinco encontro de três horas com cada turma, manhã e tarde, no total de 65 alunas de 14 a 20 anos em uma escola estadual no município de Fortaleza-CE, EEFM Maria Menezes de Serpa. Os encontros possuíam temáticas centrais que serviam para nortear as discussões, cada uma com sua metodologia específica, mas sempre utilizando vídeos, músicas e rodas de conversa. Além disso, todas as alunas que tiveram acima de 70% de presença no projeto receberam um certificado de participação.

É importante ressaltar que as questões sociais, culturais, históricas, os tabus e os preconceitos foram trabalhados ao longo de todos os encontros através de discussões geradas em cada tema.

8.2.1 Primeiro encontro

Nesse primeiro momento foi explicado como seria realizado o projeto, divisão de temas, metodologia e avaliação. Além disso, foi feita uma conscientização a respeito da importância de trabalharmos a sexualidade sem medo, sem preconceitos e com responsabilidade, e para isso primeiro era necessário conhece-la melhor, e aquele seria um espaço em que poderiam se sentir a vontade para conversar e tirar dúvidas.

Em um segundo momento foi feito o preenchimento dos questionários, os quais avaliamos anteriormente, em que abrimos para as primeiras discussões do projeto e tive a oportunidade de entender, superficialmente, o que aquelas meninas pensavam sobre sexualidade e seus tabus.

Para embasar os próximos encontros e entender a sexualidade, primeiramente, é necessário conhecer o seu corpo e do outro, anatomicamente e fisiologicamente. Essa introdução foi realizada com os Sistemas Genitais humano, masculino e feminino, com o auxílio, inicialmente, de imagens, onde foi possível mostrar e explicar cada estrutura que os compõe e como funcionam em nosso corpo. É importante frisar, que apesar do projeto ter sido realizado apenas para meninas, é essencial que elas entendessem o funcionamento não só do sistema genital feminino, mas também do masculino, compreendendo a sexualidade em sua totalidade. Logo após a análise e discussão das imagens, foram utilizados vídeos na tentativa de completar a explicação e torna-la mais lúdica e interativa.

Foi interessante observar que as meninas desconheciam a maioria das estruturas genitais tanto masculinas quanto femininas, pois Alegavam que nunca tinham as visto nem em livros, muito menos no corpo delas, e não falo das estruturas internas, mas das externas, também, como lábios e clitóris. Nesse momento discutimos a importância desse conhecimento, não só na teoria, mas também no toque. Quando nos conhecemos por completo conseguimos viver a sexualidade em sua plenitude. Isso não é uma obrigação só do parceiro e nem é vergonhoso ou pecaminoso, mas sim essencial, até mesmo para descobrir doenças sexualmente transmissíveis logo no seu início, ou qualquer outro problema ligado aos

sistemas genitais. No começo da discussão a maioria das alunas mostraram-se surpresas e com vergonha ao falar sobre o assunto, mas no decorrer entenderam que era algo natural, e importante para a saúde.

8.2.2 Segundo encontro

O segundo encontro teve como temática Menstruação e Fecundação. Através de vídeos foram mostrados os conflitos das mudanças que ocorrem no início da puberdade e os constrangimentos da primeira menstruação, debatendo como ocorreu com elas e como se sentiram durante essas transformações. No decorrer da discussão foi explicado porque ocorria a menstruação e todos os dilemas relacionados a ela, tais como: atraso, cólica e TPM. Além disso, também foram mostrados os tipos de absorventes, dos mais comuns ao interno, e qual a finalidade de cada um. Esse momento foi bastante interessante, pois a maioria delas tinham curiosidade em conhecer o absorvente interno, como ele funcionava, se tira a virgindade e se tem como perder dentro do corpo.

A fecundação também foi mostrada na forma de vídeo, até mesmo para tornar o assunto mais claro, já que é um processo bastante complexo e abstrato. Nesse momento discutimos como ocorre a ejaculação e a ovulação, o orgasmo, a formação dos gametas e a nidação. Outro tema que gerou grande curiosidade das alunas, pois, a maioria, não imaginava como ocorria esse processo, ficando maravilhadas ao conhecer.

8.2.3 Terceiro encontro

No terceiro encontro os assuntos abordados foram Gravidez e Métodos Contraceptivos, o qual foi o mais aguardado pelas alunas. A discussão de gravidez foi iniciada através de vídeos mostrando todo o processo desde a fecundação até o nascimento, além da formação de gêmeos, cuidados com a saúde, aborto, tipos de parto, desenvolvimento embrionário e formação do sexo. Durante essa discussão falamos dos problemas gerados em uma gravidez na adolescência, afim de, conscientiza-las para a prevenção.

Nessa mesma discussão, quando trabalhamos a formação do sexo no embrião, foi passado um vídeo que tratava da questão de gênero, em que conversamos sobre conceitos, preconceitos, fatores históricos e culturais. A maioria das alunas mostraram aceitar e respeitar a orientação sexual dos demais, porém foi possível notar alguns resquícios de preconceitos

nas falas, em que aceitavam, portanto que não fosse próximos a elas. O que é um problema comum dentro da nossa sociedade.

Os métodos contraceptivos foram abordados por vídeos que explicavam como funcionavam e qual a indicação de cada mecanismo de prevenção, logo após foi realizada uma exposição demonstrativa explicando os diferentes tipos de anticoncepcionais, como: dispositivo intrauterino (DIU), pílula do dia seguinte, diafragma, e a camisinha feminina e masculina. Esse último mostramos juntas qual a maneira adequada de coloca-la, com o auxílio de um modelo didático de um pênis, para garantir a sua eficiência. Além disso, debatemos sobre período fértil, ciclo menstrual, prevenção de doenças e gravidez, e a respeito da importância desses métodos para a liberdade da mulher em poder escolher quando quer engravidar, dedicar-se aos estudos e ao trabalho, o que antes não era possível.

8.2.4 Quarto encontro

As últimas temáticas a serem trabalhadas foram DST's e higiene. No caso desse encontro, foi utilizada uma série de imagens para explicar a causa e os sintomas das principais doenças sexualmente transmissíveis, com o objetivo de causar impacto entre as estudantes, fazendo-as entender a gravidade desses problemas e a importância de visitar o médico para fazer exames de rotina, para que caso haja alguma doença ela seja, imediatamente, tratada.

Outra questão muito trabalhada nesse encontro foi a respeito da prevenção dessas doenças com o uso de preservativo desde o início do ato sexual e qualquer que seja ele. Os preconceitos contra os portadores de DST's também foi discutido com as estudantes.

Conceitos gerais e básicos de higiene também foram debatidos, como: lavagem de roupas e toalhas, formas de asseio, produtos de higiene, cuidados com banheiros públicos, compartilhamento de peças íntimas e batons, e qualquer outra atitude que possa colocar em risco a saúde da mulher.

Apesar de ser um tema simples, as alunas ficaram surpresas com a maioria dos conceitos de higiene e com a quantidade de doenças que a sua ausência poderia causar, e que não costumavam fazer a maioria deles, ou por falta de conhecimento ou porque achavam “frescura”.

8.2.5 *Quinto encontro*

O último encontro teve o intuito de tirar as últimas dúvidas que as alunas pudessem ter, e de avaliar a execução do projeto. Mesmo o projeto tenha sido realizado apenas entre “meninas”, com o propósito de deixa-las mais a vontade para as discussões, foi possível perceber que algumas alunas ainda tinham receio de tirar dúvidas. Por conta disso, foi realizada uma prática em que todas as alunas deveriam fazer perguntas em papéis e depositar em uma caixa, mesmo a maioria dizendo que não tinham mais nenhuma dúvida, pois já tinham feitos no decorrer do projeto.

As perguntas foram variadas entre todas as temáticas trabalhadas, ou porque haviam faltado no dia da explicação ou porque realmente ainda não haviam entendido. Além de alguns questionamentos sobre o ato sexual em si, como: posições, sexo anal e oral, e orgasmo. No decorrer do encontro, as perguntas foram surgindo sem a necessidade do papel, em uma discussão leve e descontraída.

8.2.5.1 *Avaliação do projeto*

A avaliação foi realizada de forma escrita e oral. No primeiro momento as alunas receberam uma espécie de caderno, e com o auxílio de lápis de cor, canetinha, colas coloridas e revistas, confeccionaram um diário, fazendo referência ao título do projeto. Nele as alunas deveriam escrever todas as impressões que tiveram dos encontros, tudo que sentiram no decorrer deles, o que mudou na vida delas depois de terem participado do projeto, ou até mesmo qualquer desabafo que quisessem fazer. Ressaltando que os diários não eram identificados e as alunas tiveram a oportunidade de termina-los em casa para que os fizessem com calma e com mais privacidade, devolvendo-os posteriormente para análise.

Ao observar a discussão avaliativa realizada no fim do encontro, e ao analisar os diários foi possível perceber o quanto as alunas ficaram felizes por participarem do encontro, pois tinham tido a oportunidade de conversar sobre sexualidade sem vergonha e sem repressão, de aprender conceitos, de quebrar alguns tabus e preconceitos, a aceitar o seu próprio corpo e o do outro, a ter mais responsabilidade com a sua vida sexual, e, principalmente, a tratar esse assunto com mais liberdade e naturalidade.

Como observamos nos depoimentos abaixo.

E foi assim sexo pra cá, doenças pra lá. Aprendi várias coisas e um jeito novo de ver o que toda mulher gosta de fazer além de compras, atração, uma palavra que chama atenção de todos. Orgasmo? Oi? Não, não sei, eu respondia, até aprender com as explicações do curso tudo o que não sabia, ou sabia mais ou menos (Aluna 1).

O que eu aprendi sobre sexualidade foi bom, porque eu tinha muitas dúvidas, eu conversava com a minha mãe pra tirar essas dúvidas e nem sempre era o que eu queria ouvir. Até começa o curso eu tinha medo de conversar com as pessoas sobre isso, até que perdi (...) (Aluna 2).

A única reclamação encontrada foi o pouco tempo do projeto e que gostariam que ele ocorresse anualmente, pois tinham receio que não tivessem mais a oportunidade de conversar esse assunto com ninguém, pelo menos não da forma que foi trabalhada.

A presença das alunas foi assídua e participativa, sempre tirando dúvidas e debatendo sobre os temas apresentados. No início houve uma certa timidez na hora das discussões, porém com o tempo elas foram ficando mais a vontade. Todos os assuntos trabalhados geraram curiosidade e interesse das estudantes, porém os métodos contraceptivos e menstruação foram os mais comentados.

Os professores da escola apesar de não terem participado diretamente do curso, também foram influenciados pelo projeto, pois sempre no final dos encontros eram geradas discussões a respeito de pontos polêmicos. O que é bastante importante, afinal muitos são os impasses que permeiam o sistema de ensino, porém são camuflados, e para acabar com esse problema é necessário se permitir a aprender, além de uma formação adequada (BATISTA, 2008).

9 CONCLUSÃO

Diante do panorama encontrado na escola em relação à educação sexual, surgiu a intenção de organizar e planejar um projeto voltado para esta temática. Os questionários respondidos pelos alunos ajudaram a traçar um quadrado em relação à educação sexual vivenciada pelos estudantes.

Foi possível perceber que os alunos da escola trabalhada relataram quase não possuírem aulas de educação sexual, e quando elas aconteciam era algo superficial e desinteressante, porém achavam importante e essencial que a escola fornecesse essa educação, já que consideram esse o local mais adequado para essas discussões. Essa vontade é ainda mais motivada quando os estudantes dizem não ter um diálogo sobre sexualidade com a família, ou a conversa em casa se resume ao “use camisinha”, “não vá engravidar”. Os estudantes obtêm a maior parte das informações com os amigos que costumam saber tão pouco quanto eles, e com a mídia que, muitas vezes, influencia negativamente esses jovens.

Tanto os alunos analisados no questionário geral, quanto às alunas participantes do projeto, mostraram-se bastante contraditórios e confusos nas discussões sócio-culturais levantadas, em que apesar de considerarem-se liberais e modernos, ainda possuíam vários preconceitos sexuais, os quais foram trabalhados.

Outra preocupação que surgiu durante a análise dos questionários foi o grande número de jovens que já tiveram relação sexual sem camisinha. Geralmente, vinham tirar dúvidas sobre a suspeita de gravidez por não ter usado preservativo, ou de que maneira poderiam fazer sexo sem proteção e sem o risco de resultar em uma gravidez.

A partir das informações coletadas no questionário foi realizado o projeto Diário da sexualidade. Sim, eu falo sobre isso! para as estudantes da escola, organizado para acontecer em cinco encontros abordando temas ligados à educação sexual.

Quando perguntado as alunas participantes do projeto a motivação que tiveram para fazer a inscrição, a maioria, respondeu ser essa uma oportunidade de aprender mais sobre esse assunto, o qual acham importante para a educação e para a vida. Semelhante aos motivos apresentados pelos responsáveis ao permitir que elas participassem, porém alguns mostraram-se receosos, curiosos, assustados e demoraram um pouco para aceitar.

Durante os encontros, aos poucos, as alunas foram ficando a vontade para discutir os temas sugeridos e tirar dúvidas sobre os conteúdos trabalhados, tornando os momentos bastante produtivos na geração de conhecimento, na troca de ideias e na quebra de alguns tabus e preconceitos. Todas as estudantes disseram-se satisfeitas com a realização do projeto, porém gostariam que a duração fosse maior e acontecesse todos os anos.

A partir dos questionários e dos encontros realizados foi possível investigar como ocorria à educação sexual na escola trabalhada; conhecer o perfil dos alunos, identificando seus tabus, problemas e preconceitos ligados a sexualidade, em que foram discutidos através do projeto realizado com as estudantes, auxiliando-as a ter uma vida sexual plena e responsável.

Esse projeto foi importante tanto para as alunas participantes, como para a escola, pois mostrou o quanto é importante trabalhar a educação sexual e que ela é possível de ser realizada de maneira natural, transformadora e interessante, desde que haja uma conscientização e uma formação adequada dos professores.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ALENCAR, *Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes*, Ciência & Educação, v.14, n.1, p159-168, 2008.
- ALMEIDA, T.J.B. *Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental, no distrito de Arembepe, município de Camaçari-BA*. Candombá-Revista Virtual, v.2, n.1, p.1-13, jan./jun. 2006.
- BATISTA, C.A. *Educação e sexualidade: um diálogo com educadores*. São Paulo: Ícone, 2008.
- BONFIM, C. *Desnudando a educação sexual*. Campinas: Papyrus, 2012.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais: ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARDOSO, A.M. *Educação afetivo-sexual na infância e na adolescência: um diálogo com os educadores*. Belo Horizonte: Lê, 2012.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro. Graal, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HONÓRIO, A.C. *Sexualidade: o que os alunos estão pensando e como fazê-los refletir?*. Fortaleza: UFC: 2009.
- JUNG, C.G. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LOURO, G.L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014
- MORAES, I.N. *Sexologia - Sexo, Sexualidade e Sexualismo*. São Paulo: Lejus, 1998.
- MOREIRA, W. *Corpo presente num olhar panorâmico*. Campinas: Papyrus, 1995.
- MORENO, M. *Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.
- MULLER, L. *Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância à adolescência: um guia para professores e pais*. 2. ed. São Paulo: Academia do Livros, 2013.
- NUNES, C.A. e SILVA, E. *As manifestações da sexualidade da criança*. Campinas: Século XXI, 1997.
- _____. *A educação sexual da criança: Subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2000.

QUIRINO, G. *Prática docente em sexualidade e educação sexual no espaço escolar*. Curitiba: Appris, 2014.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO - ALUNOS GERAIS

PROJETO SEXUALIDADE

QUESTIONÁRIO PRÉVIO AVALIATIVO

() Sexo () Idade

1. Você já teve aula sobre sexualidade na sua escola? Se sim, como foi a realização desta?

2. Sua família já falou com você sobre assuntos ligados a sexualidade?

3. Você acha importante que a escola fale sobre sexualidade com seus alunos? Justifique.

4. Onde você costuma obter informações sobre assuntos ligados a sexualidade? (pode marcar mais de uma opção)

() Família () Televisão () Outros Qual? _____
 () Escola () Internet
 () Amigos () Livros

5. Marque com um (x) as opções que na sua opinião são verdadeiras (opções com * são apenas para meninas).

() Já tive relações sexuais
 *() Já utilizei pílulas anticoncepcionais
 *() Já menstruei
 () Já fiz relação sexual sem camisinha
 () Tenho filho (a)
 () Já tomei (ou minha parceira) pílula do dia seguinte
 *() Já fui ao ginecologista
 () Acho correto que os meninos podem se relacionar com várias meninas, já o oposto, não
 () Acho que rosa é cor apenas de meninas
 () Acho correto que meninas ganhem brinquedos de artigos de casa e família, e os meninos ganhem veículos e artigos de esporte.
 () Acho que as mulheres devem fazer os serviços domésticos e os homens trabalharem
 () Acredito que os homossexuais devem ter respeito e os mesmos direitos dos demais
 () Não vejo nenhum problema em assistir na televisão ou até mesmo presenciar beijos entre homossexuais

OBRIGADA!

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO – ALUNAS DO PROJETO

PROJETO - DIÁRIO DA SEXUALIDADE. SIM, EU FALO SOBRE ISSO!

QUESTIONÁRIO PRÉVIO AVALIATIVO

1. Você já teve aula sobre sexualidade na sua escola? Se sim, como foi a realização desta?

2. Sua família já falou com você sobre assuntos ligados a sexualidade?

3. Você acha importante que a escola fale sobre sexualidade com seus alunos? Justifique.

4. Por que você aceitou participar do projeto de sexualidade? Quais são suas expectativas?

5. Qual foi a reação dos seus responsáveis com relação ao projeto de sexualidade?

6. Onde você costuma obter informações sobre assuntos ligados a sexualidade? (pode marcar mais de uma opção)

- Família Televisão Outros Qual? _____
 Escola Internet
 Amigos Livros

7. Marque com um (x) as opções que na sua opinião são verdadeiras

- Já menstruei
 Já tive relações sexuais
 Já utilizei algum tipo de anticoncepcional
 Já fiz relação sexual sem camisinha
 Tenho filho (a)
 Já tomei pílula do dia seguinte
 Já fui ao ginecologista
 Moro com meu parceiro
 Já sofri algum tipo de abuso sexual
 Tenho vergonha de falar sobre assuntos ligados a sexualidade

- Acho correto que os meninos podem se relacionar com várias meninas, já o oposto, não
- Acho que rosa é cor apenas de meninas
- Acho correto que meninas ganhem brinquedos de artigos de casa e família, e os meninos ganhem veículos e artigos de esporte.
- Acho que as mulheres devem fazer os serviços domésticos e os homens trabalharem
- Acredito que os homossexuais devem ter respeito e os mesmos direitos dos demais
- Não vejo nenhum problema em assistir na televisão ou até mesmo presenciar beijos entre homossexuais

OBRIGADA!